

07 MAR 1990

Mercado prepara-se para o dia 16

Inflação prefixada e nova remuneração para o Open são tidas como medidas certas

JOSÉ FUCS

A exatos oito dias da troca de governo, o mercado financeiro começa a se preparar para enfrentar o day after — o dia seguinte à posse do presidente eleito, Fernando Collor, marcada para o dia 15. Na tentativa de cercar os planos da ministra da Economia do novo governo, Zélia Cardoso de Mello, os representantes do mercado raciocinam, de forma geral, com base em dois pacotes distintos de medidas com efeitos sobre o sistema financeiro e o bolso dos investidores: um deles pode ser adotado a qualquer momento depois da posse e o outro depende da data a ser escolhida para iniciar a prefixação da inflação, ti-

da como certa pelos executivos dos bancos.

Entre as medidas do novo governo que podem ser adotadas logo depois da posse, uma se destaca pela unanimidade com que é prevista pelo mercado: a remuneração das aplicações no open market deverá ser proporcional ao prazo de permanência do dinheiro no banco. Quem aplicar por um dia vai receber menos do que quem aplicar por uma semana ou por um mês.

"A taxa de remuneração das aplicações em títulos públicos por uma dia deve cair", prevê o diretor-financeiro do Banco Real, Renê Aduan. Um ex-diretor do Banco Central, acredita até que as taxas das aplicações por um dia no open serão negativas — isto é, se repetidas por um mês, ficariam abaixo da inflação oficial.

"VIOLENCIA"

Como a Constituição impede a mudança da alíquota de Imposto de

Renda no mesmo exercício, o novo governo, na visão do mercado, deve optar por um instrumento alternativo — o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) — para mudar a tributação das aplicações. Se, no dia 16, o governo instituir o IOF um 3% sobre o valor total da aplicação, por exemplo, os investidores sofrerão perdas apenas no rendimento. Se for maior, o investidor perderá parte do dinheiro aplicado previamente.

Para o economista José Júlio Senna, diretor-financeiro do Banco Boavista e ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central, a incidência de IOF sobre o capital inicial das aplicações seria uma "violência", porque, na prática, equivaleria a um calote nos aplicadores. Calote, porém, é uma palavra que não está no dicionário da maioria dos representantes do mercado, o que torna a adoção da medida improvável, mas não impossível. "Não acredito que o governo venha a adotar medidas pa-

ra prejudicar os investidores", afirma Renê Aduan, do Banco Real.

Os fundos de curto prazo, nominativos e ao portador, que funcionam como o over, e os fundos de renda fixa, que têm carência inicial de trinta dias para crédito dos rendimentos e depois ganham liquidez diária, devem seguir o princípio geral do rendimento proporcional ao prazo de permanência do dinheiro no banco. Não está afastada, porém, a possibilidade de que, em sua cruzada contra a sonegação, o novo governo venha a desestimular as aplicações ao portador.

COMPULSÓRIO

Os bancos começam a trabalhar, também, com a hipótese, de uma ação dura do Banco Central para redução do volume de dinheiro disponível na economia. A redução da liquidez se daria, entre outras formas, pelo aumento do depósito compulsório dos bancos no Banco Central, o que limitaria ainda mais a concessão de crédito para empresas e pessoas físicas. Uma tributação retroativa sobre o lucro obtido pelas empresas e bancos em 1989 também é possível, de acordo com o diretor do Banco Boavista.

Senna cita ainda a criação de uma caderneta de poupança bimestral ou trimestral, com juros maiores do que a taxa atual de 0,5% ao mês fora a correção monetária, como outra forma de o governo conter o volume de dinheiro na economia.

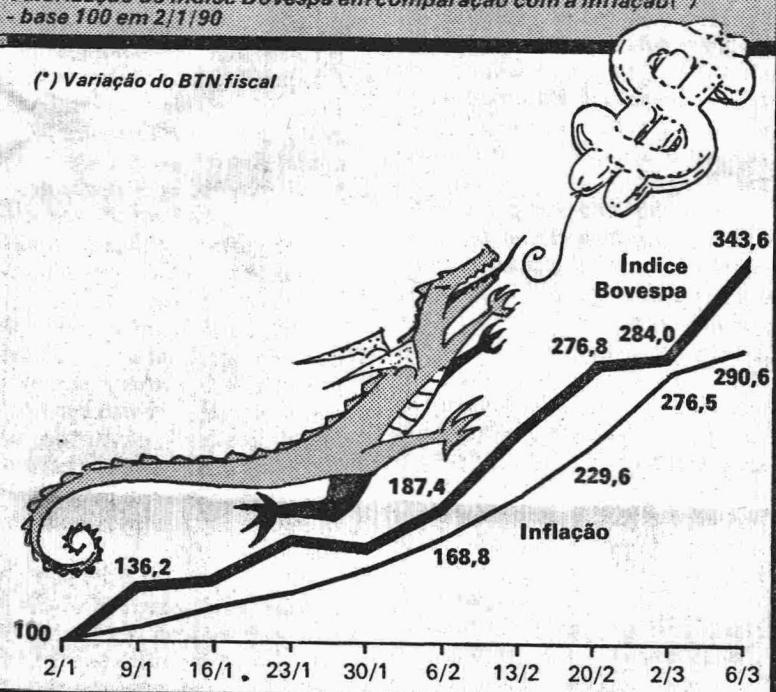
O vice-presidente do Citicorp, José Manforte, considera ainda a probabilidade de ser instituído um empréstimo compulsório sobre grandes fortunas.

A decretação de um feriado bancário na sexta-feira, dia 16, dia seguinte à posse, e até meso no dia 19, segunda-feira, é outra hipótese considerada seriamente pelo mercado, até para que os bancos tenham tempo de reprogramar os sistemas de computação.

O salto das cotações

Valorização do Índice Bovespa em comparação com a inflação(*)
- base 100 em 2/1/90

(*) Variação do BTN fiscal



Bolsas em disparada

A Bolsa de Valores de São Paulo registrou ontem alta de 9,2%. Nos dois primeiros pregões da semana o Índice Bovespa acumulou alta de 20,8%, enquanto o mercado do Rio de Janeiro evoluiu 13,2% com alta de 5,6 ontem. A forte reação das ações é consequência da transferência de recursos do over para as bolsas. Mas Fernando Nabuco de Abreu, presidente da Bovespa, recomenda mais cautela aos investidores. Com essas transferências, os preços podem ficar muito altos e, portanto, sujeitos a decepções futuras. Este ano a Bovespa já subiu 18,0% acima da inflação.

Mais informações na página 8